

9. Modalidades de ocupação e de exploração do espaço

■ ANA CRISTINA ARAÚJO

9.1. Introdução

Considerando globalmente o conjunto de vestígios recuperados no decurso dos trabalhos de escavação efectuados em Toledo (tipo, diversidade e número) é possível estabelecer uma aproximação às modalidades de ocupação e de exploração do espaço por parte das comunidades humanas que aqui se instalaram durante o Mesolítico Inicial. Infelizmente, o sítio sofreu profundas alterações ao longo dos tempos (com origem natural e antrópica, antiga e recente), tornando mais difícil ou quase impossível a tarefa de isolar, no espaço e no tempo, eventuais episódios distintos de ocupação mesolítica. A quantidade e a diversidade de espécies faunísticas de origem terrestre e aquática disponíveis no local ou nas suas proximidades, bem como de recursos líticos susceptíveis de serem utilizados como ferramentas para a sua aquisição e tratamento, explicam naturalmente a selecção deste local como ponto de estadia, o qual se inscreveria no seio de um território económico mais vasto percorrido e explorado pelo grupo de Toledo. Como interpretar o conjunto de vestígios materiais documentado na jazida de modo a construir um cenário plausível sobre o seu uso funcional? Alimento e abrigo são duas das condições básicas procuradas pelo Homem. Se a maioria dos restos se relacionam directa ou indirectamente com a primeira das condições, a segunda é menos visível do ponto de vista arqueológico mas nem por isso ausente. Acresce, ainda, a presença de itens que documentam outro tipo de manifestações que se afastam desta realidade bipartida, e que ajudam a compreender não só o sítio, mas também o contexto cultural em que foi produzido. O grupo ou grupos humanos que acumularam os vestígios materiais em Toledo são portadores de uma estrutura organizacional própria que se reflectirá, como veremos, na forma como aproveitaram as potencialidades oferecidas por um meio rico e diversificado em termos ecológicos e cinegéticos.

9.2. Os dados da subsistência: da aquisição ao consumo de alimentos

A partir de Toledo, o grupo teria facilmente acesso a um conjunto muito variado de alimentos, o qual incluiria recursos de origem animal e vegetal provenientes de diferentes tipos de habitat: marinho, fluvial, estuarino e terrestre. As alternativas alimentares seriam assim múltiplas, bem como os nichos ecológicos explorados.

9.2.1. *A roda dos alimentos de Toledo*

Tal como foi referido nos Capítulos 6 e 7 da presente monografia, encontram-se representados diferentes grupos arqueozoológicos na jazida: mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes. A este elenco faunístico juntam-se, ainda, distintas espécies de bivalves, de gastrópodes e de crustáceos. Longe de constituírem uma segunda escolha em épocas de menor escassez em recursos terrestres, o consumo de elementos de origem aquática, em particular de

moluscos, constituiria um contributo importante na roda dos alimentos dos habitantes de Toledo. Não é possível falar da primazia de uma das componentes sobre a outra na dieta destas comunidades (aquática sobre a terrestre ou *vice-versa*), ou estabelecer uma hierarquia entre recursos ditos principais e recursos complementares. Mesmo que, em termos calóricos, não possam ser efectivamente equiparados. O que é desde logo evidente é que as populações de Toledo aproveitaram a diversidade de espécies disponíveis recolhendo oportunamente todas. Este padrão, longe de ser casual, reflecte um comportamento que é recorrente nas sociedades humanas do início do pós-glaciar documentadas no actual território português.

Tal como pode ser observado na Tabela 9.I, os vestígios arqueológicos relacionados directamente com o consumo de alimentos representam 36% do total de restos materiais recuperados em Toledo. Este número encontra-se substancialmente inflacionado já que não contempla nem os moluscos (bivalves e gastrópodes) nem os crustáceos (perceves, cracas, bálanos, pinças de caranguejo) documentados na jazida e cujo estudo se encontra ainda em curso (ver Capítulo 1).

TABELA 9.I

Toledo: inventário dos vestígios materiais recuperados em Toledo, por camadas (não inclui a componente malacológica).

Tipo de vestígio	Camada A		Camada B		Camada C		Camada D		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
Indústria lítica	489	78,0	1453	55,9	913	64,8	450	67,7	3305	62,4
Restos de mamíferos	131	20,9	1000	38,5	464	33,0	196	29,5	1791	33,8
Restos piscícolas ⁽¹⁾	3	0,5	117	4,5	7	0,5	11	1,7	138	2,6
Restos humanos ⁽²⁾	–	–	2	0,1	2	0,1	–	–	4	0,1
Pendentes ⁽³⁾	4	0,6	20	0,8	19	1,3	7	1,1	50	0,9
Osso trabalhado ⁽⁴⁾	–	–	1	0,0	2	0,1	1	0,2	4	0,1
Pedras com sulcos (polidores)	–	–	4	0,2	1	0,1	–	–	5	0,1
TOTAL	627	11,84	2597	49,03	1408	26,58	665	12,55	5297	100,0

⁽¹⁾ Não se incluíram 5 restos de ictiofauna cuja proveniência é desconhecida.

⁽²⁾ Não se incluíram os restos recuperados nas escavações de David Lubell.

⁽³⁾ Adornos: inclui ainda o canino de raposa perfurado (Fig. 6.14).

⁽⁴⁾ Indústria óssea: inclui escápula de corço com gravuras e afeiçoamento (Fig. 6.15) + uma diáfise de osso longo com estrias paralelas (Fig. 6.16) + dois furadores (Fig. 6.17).

Tomando a título de exemplo a área de escavação aberta na Propriedade B, os moluscos aqui contabilizados — sendo considerados apenas os exemplares inteiros ou com $\approx 80\%$ da concha representada — atingem praticamente as 22 000 g (Fig. 9.1), concentrando-se a grande maioria na Camada B (62,7%). Este total não inclui a enorme quantidade de pequenos ou minúsculos fragmentos de concha cuja contabilização e classificação taxonómica são, na sua grande maioria, praticamente impossíveis de realizar, dado o estado de fragmentação que apresentam. Refira-se, a este propósito, que os refugos resultantes do processo sistemático de crivagem dos sedimentos a água eram constituídos por uma massa espessa de detritos de conchas de moluscos bivalves (Fig. 9.2). Na Propriedade A, a base do concheiro formava uma autêntica carapaça de restos conquíferos.

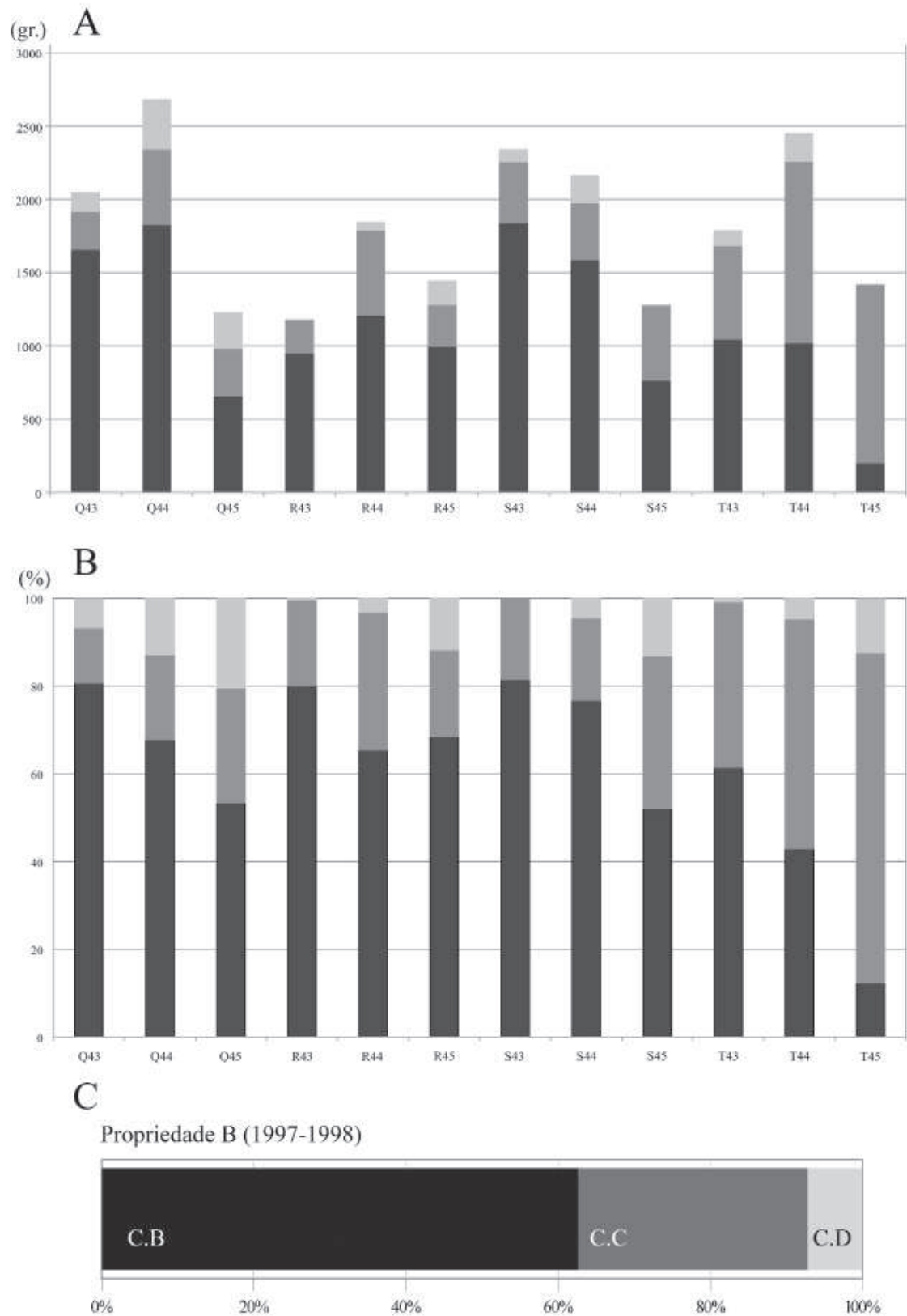


FIG. 9.1 - Toledo: representação relativa (peso em gramas, em percentagem e em totais) da componente de moluscos recuperada no decurso das escavações realizadas na Propriedade B, por camadas e por unidades de escavação (foram consideradas apenas as fiadas 43, 44 e 45).

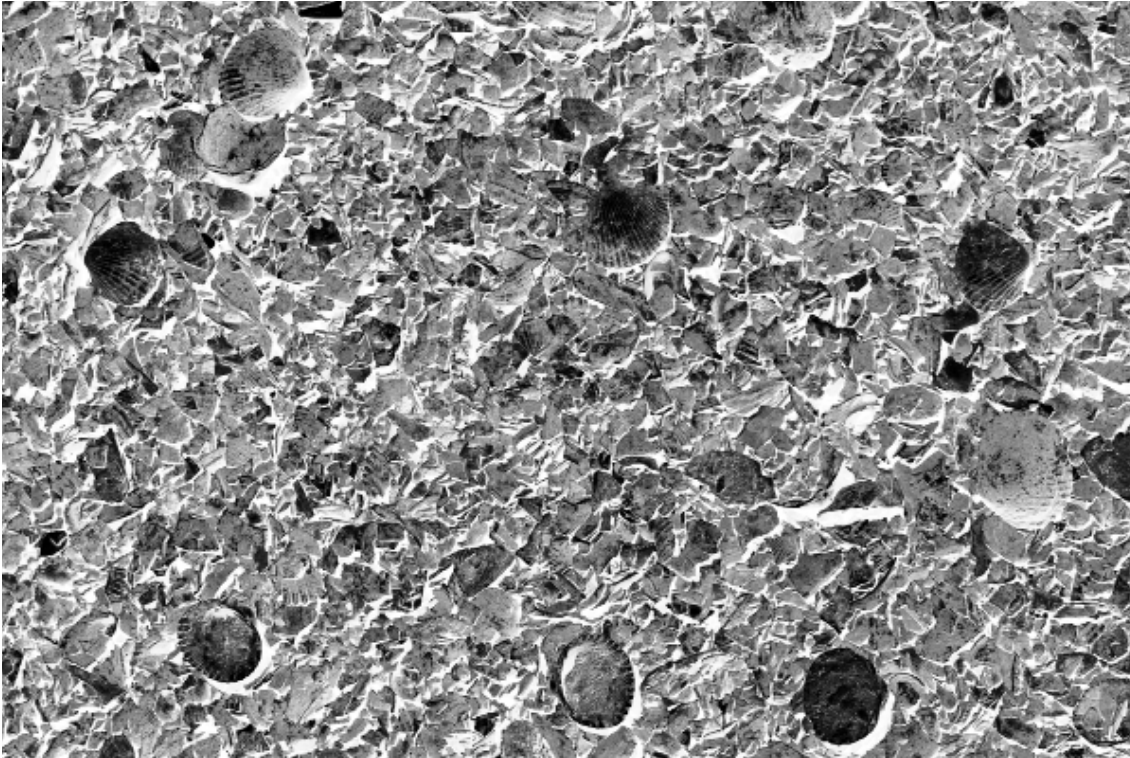


FIG. 9.2 - Toledo: a figura mostra o refugo proveniente de um balde de cinco litros de sedimento após crivagem a água. Como se pode verificar, exceptuando algumas conchas inteiras, o que sobressai é a massa enorme de detritos conquíferos de difícil caracterização taxonómica.

O berbigão (*Cerastoderma edule*) é aparentemente a espécie melhor representada, o que não quer dizer que tenha sido a mais consumida já que a resistência das conchas à erosão não é igual de espécie para espécie. Com efeito, a variação na sua frequência prende-se com factores tafonómicos, os quais actuam diferentemente consoante a maior ou menor robustez da concha. É natural que determinados taxa se encontrem sub-representados dada a sua menor resistência ao atrito.

Para além do berbigão, encontram-se presentes, e por ordem de importância numérica, a lambujinha (*Scrobicularia plana*), o mexilhão (*Mytilus* sp.), o lingueirão (*Solen marginatus*), a amêijoia (*Ruditapes decussatus*), a ostra (*Ostrea* sp.) e a lapa (*Patella* sp.). Este elenco mostra, claramente, que seriam as zonas estuarinas, de fundos arenosos e rochosos e sujeitas diariamente ao fluxo e refluxo das marés, as mais procuradas pelos residentes de Toledo. Este mesmo padrão de representação relativa da componente de moluscos foi documentado nas sondagens realizadas por David Lubell na Propriedade A (Capítulo 1), o qual mostra um claro predomínio do berbigão, da lambujinha e do mexilhão sobre as restantes espécies de bivalves (Lello, 1990). Um aspecto interessante a reter, e que afinal caracteriza o comportamento destas populações perante os recursos alimentares disponibilizados pelo meio, é a total ausência de uma selecção baseada em espécies ou categorias dimensionais. A colecta de moluscos fez-se sem qualquer constrangimento, existindo indivíduos que cobrem todo o ciclo de vida das espécies.

É provável que a recolha de moluscos constituísse uma actividade diária das populações de Toledo, encontrando-se este local sob forte influência estuarina na altura em que foi ocupado. O grupo soube aproveitar não só a diversidade de moluscos disponíveis nas proximidades, recolhendo oportunamente todas e de acordo com a sua maior ou menor abundância nos locais então explorados, como tirar partido da oferta proporcionada por outro tipo

de habitats, incluindo na sua dieta um conjunto alargado de recursos faunísticos de origem terrestre claramente dominado por animais de médio porte (Capítulo 6). O peixe, capturado provavelmente nos mesmos habitats onde se procedia à recolção de moluscos (nos estuários e lagunas costeiras), completava a roda dos alimentos do grupo de Toledo (Capítulo 7). Também esta componente mostra o mesmo padrão de representação, encontrando-se documentada uma gama bastante variada de espécies piscícolas na jazida. Os restos de origem vegetal, ausentes no registo arqueológico certamente por questões tafonómicas, seriam porventura consumidos pelo grupo de Toledo no seu dia-a-dia, o qual teria acesso a um leque diversificado de comunidades vegetais de zonas ecológicas distintas, cuja oferta em frutos, bagas e sementes seria certamente aproveitada. Não se procedeu, contudo, à flutuação de sedimentos de modo a detectar eventuais macro-restos vegetais. Os carvões, por outro lado, encontravam-se totalmente disseminados no interior dos sedimentos ou desfaziavam-se ao simples toque. Os exemplares recolhidos no decurso do processo de escavação constituíam, afinal, pequenos fragmentos de osso carbonizados.

9.2.2. Modalidades de aquisição dos recursos alimentares

Como eram adquiridos os recursos alimentares documentados na jazida? Considerando o leque diversificado de espécies faunísticas aqui representadas, conclui-se que a caça, a pesca e a recolção constituíam três das actividades levadas a cabo pela população de Toledo. Se a recolha de moluscos é uma tarefa que requer uma tecnologia simples, que pode ser satisfeita utilizando simplesmente a mão, um pau ou uma pedra, a caça e a pesca exigem técnicas e métodos de captura mais elaborados. O estudo dos mamíferos (Capítulo 6) e dos restos piscícolas (Capítulo 7) mostra que os animais eram transportados e depois consumidos no local. Excluindo causas de origem tafonómica, relacionadas com a diferente capacidade de resistência do osso ao atrito e a outros factores de natureza física e química, os esqueletos dos animais recuperados em Toledo encontram-se completos, não existindo preferência por nenhuma parte ou elemento anatómico. Exceptua-se o auroque, que, dadas as suas grandes dimensões, teria sido processado no local de abate e apenas transportadas para o acampamento as partes pretendidas: “(...) porções de carne e as partes semidesarticuladas dos membros e do esqueleto axial, assim como o crânio, com a finalidade de serem explorados exaustivamente *a posteriori*” (Moreno, Capítulo 6). Falta, contudo, responder a uma questão situada mais a montante: como eram caçados os mamíferos e capturados os peixes? A ausência de armaduras de projectil em pedra no interior da série lítica (Capítulo 4), bem como dos restos relacionados com o seu processo de fabrico, sugerem a utilização de outro tipo de armamento, técnica ou estratégia de abate das presas. O recurso a pontas de lança em madeira é uma hipótese séria a ponderar, já que o acesso a esta matéria-prima não constituiria qualquer problema para os habitantes de Toledo. Os indicadores paleoambientais existentes para a faixa litoral estreme-nha, durante o período Boreal, apontam para a presença de um leque diversificado de espécies lenhosas, entre árvores e arbustos (Leeuwaarden & Queiroz, 2003; Queiroz & Leeuwaarden, 2004), que podiam ser utilizadas na confecção do instrumental de caça e de pesca das comunidades humanas de Toledo. Esta hipótese sai reforçada pela presença de cinco polidores/alisadores em arenito documentados na jazida (Tabela 9.11), os quais poderão efectivamente ter servido para a confecção de pontas de flecha ou de lança em madeira. São peças que apresentam um ou mais do que um sulco, numa ou em ambas as faces, provocado pelo contacto, em movimento de tipo vai e vem e, simultaneamente, rotativo, de um objecto de madeira ou de osso sobre a sua superfície (Fig. 9.3).

TABELA 9.II

Toledo: alguns parâmetros estatísticos dos polidores/alisadores documentados na jazida.

PROVENIÊNCIA			Dimensões do Suporte			Dimensões do Sulco		
Quad	N.º	Cam	C	L	E	N	L	P
SB	18	B	89,9	96,4	39,9	1	10,3	6,46
J12	17	B	85,7	67,8	37,8	3	6,2	6,94
Q45	35	B/C	53,7	56,1	38,2	1	6,2	6,76
J10	-	B	48,6	36,9	23,9	2	9,8	4,52
T43	27	C	55,3	53,6	22,7	1	7,1	3,79

C – Comprimento; L – largura; E – Espessura; N – N.º de sulcos; P – Profundidade.

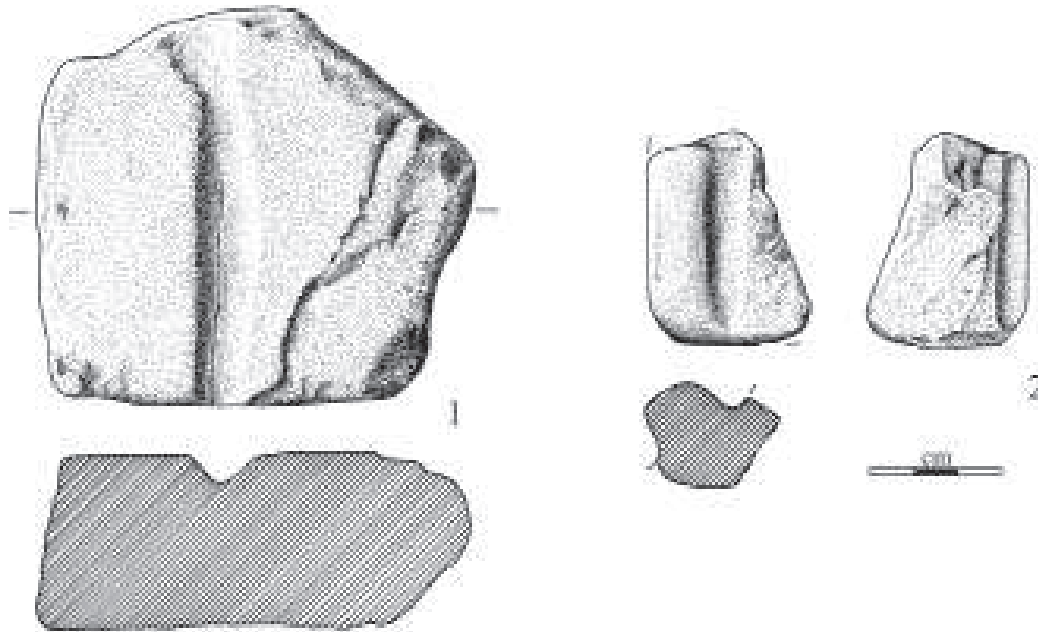


FIG. 9.3 – Toledo: polidores/alisadores em arenito provavelmente utilizados no fabrico de pontas de lança ou de flecha em madeira.

Exemplares deste tipo, também em arenito, são conhecidos em numerosos contextos arqueológicos do Norte e Centro da Europa datados do Tardiglacial (Rozoy, 1978) e, com uma maior representação, do Holocénico inicial, encontrando-se igualmente documentados em Espanha (García-Arguelles, 1993). Apresentam, em regra, um único sulco, realizado segundo o maior comprimento do suporte. Rozoy (1978) distingue dois tipos distintos de polidores: a) para alisar cabos de flecha ou cabos de lança em madeira; b) com ranhuras múltiplas, destinados a polir agulhas. A presença de dois fragmentos de diáfise de osso longo de mamífero recuperados no interior da Camada B, os quais apresentam polimento numa das extremidades (Fig. 9.4: 2-3), pode corresponder a este segundo tipo de Rozoy. Não é de excluir contudo a hipótese de estes artefactos terem assumido outra função, como elementos de um utensílio compósito utilizado, por hipótese, nas artes de pesca.

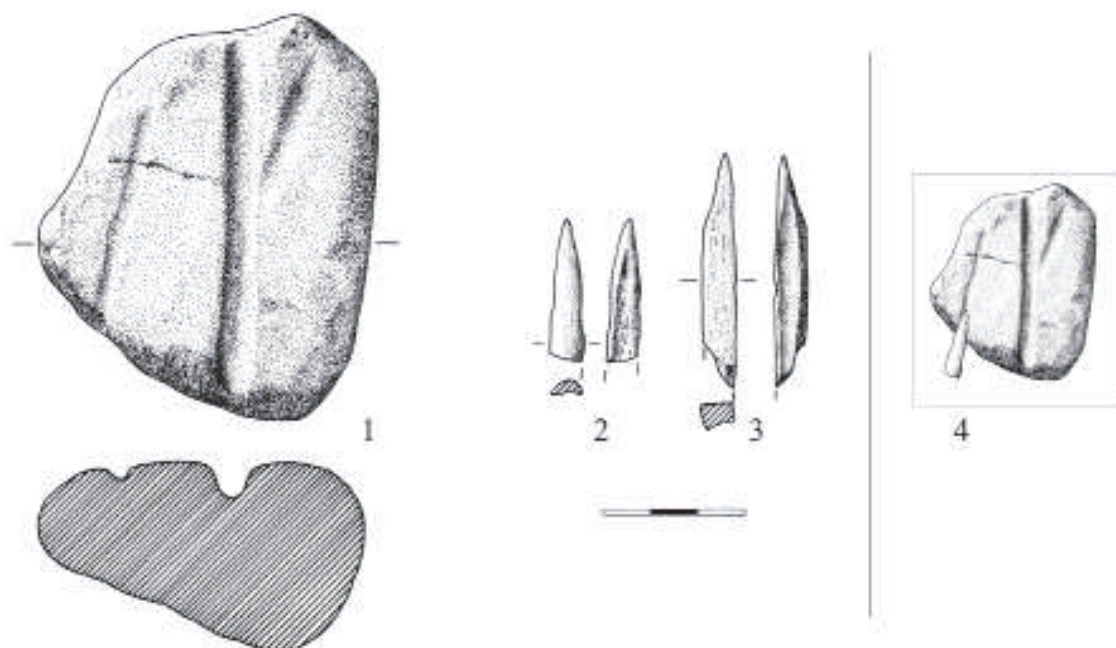


FIG. 9.4 - Toledo: 1. Polidor/alisador em arenito onde se observam um sulco e duas ranhuras; 2 e 3. Fragmentos de diáfise de espécie faunística indeterminada com as extremidades polidas. 4. É provável que o polimento tenha sido efectuado rodando e deslocando simultaneamente o osso sobre a superfície do calhau (em sentido de vai e vem), a qual, depois de intensamente utilizada, acabaria por desenvolver uma ranhura na respectiva face. O sulco, mais largo e profundo, deve estar relacionado com a confecção de instrumental em madeira.

Para além da provável utilização da madeira e do osso para a confecção do instrumental de caça e de pesca, a população de Toledo teria certamente ao seu dispor outro tipo de técnicas (o recurso a armadilhas e a aparelhos de anzol para a captura das espécies piscícolas, por exemplo) e de táticas (a utilização do fogo, por hipótese) que não deixaram rasto no registo arqueológico.

9.2.3. *Em cru, ou cozinhados? Processamento e consumo dos alimentos em Toledo*

A presença de restos relacionados com a prática do fogo foi documentada em Toledo. Infelizmente, o sítio sofreu profundas alterações que afectaram de forma irremediável as condições originais de deposição dos vestígios, em particular daqueles que se relacionam com a presença de estruturas de natureza doméstica. Para além de terem sido recuperados restos esqueléticos de mamíferos e de peixes com sinais claros de alteração térmica (Capítulos 6 e 7), foram igualmente reconhecidas marcas de corte (entre incisões superficiais, cortes mais profundos, fracturas transversais, ver Capítulo 6) que demonstram o processamento das peças de carne no local com vista ao seu consumo. Naturalmente, a produção de artefactos em pedra teria como principal objectivo facilitar o processo de desmembramento dos esqueletos dos animais capturados, tendo sido seleccionada uma amostra de artefactos para estudo traceológico. Considerando as características do conjunto lítico e as interpretações resultantes do seu estudo (Capítulo 4), esta amostra contemplou diferentes categorias tecnológicas e dimensionais representadas na jazida, entre suportes brutos e retocados. O esquartejamento de carcaças animais não deixou, porém, qualquer vestígio nos artefactos supostamente utilizados para o efeito, tendo o estudo traceológico registado apenas as etapas finais do trabalho da pele (Capítulo 5). As possíveis razões desta ausência foram já referidas no Capítulo 4 e prendem-se não só com a má qualidade das matérias-primas utilizadas nas operações de talhe, que não facilita o registo dos gestos e das matérias tra-

balhadas, mas também com o carácter expedito da própria utilização. Por outro lado, a presença de concreções carbonatadas apenas às superfícies dos ossos inviabilizou, em muitos casos, a observação de eventuais estigmas relacionados com esta actividade.

Em relação ao peixe, o mesmo pode ser consumido sem que seja necessário proceder ao seu esarteamento, sobretudo quando os espécimes são de pequena dimensão. A presença de marcas de corte em ossos de peixe provenientes de contextos arqueológicos é extremamente rara devido a diversos factores, com origem natural e antrópica, desde o tipo de estratégia utilizada, que não deixa necessariamente assinatura no osso, a processos pós-deposicionais, ou à própria anatomia do peixe (Willis & alii, 2008). Sem esquecer que o mesmo pode ser confeccionado (assado, fumado, etc.) e depois consumido sem necessidade de o filetar ou cortar (Capítulo 7).

Se as marcas de corte documentam, de forma directa, o processamento das carcaças animais, como interpretar a presença de ossos com sinais de alteração térmica? Esta questão prende-se directamente com a forma como os alimentos eram consumidos, em cru ou cozinhados, a qual deve ser discutida introduzindo na discussão outro tipo de vestígios documentados no registo arqueológico: a componente termo-alterada.

Apesar de pouco numerosa, a presença de rochas com sinais de alteração térmica, um pouco por toda a área de escavação, invoca de forma clara o uso do fogo. Considerando o leque de informações proporcionadas pelo estudo das espécies faunísticas documentadas na jazida, a ocupação de Toledo terá tido lugar durante o período mais quente do ano (Primavera-Verão). Assim sendo, a hipótese mais parcimoniosa para o aparecimento deste tipo de vestígio, é que o mesmo esteja relacionado com o processo de cocção dos alimentos e não como fonte de produção de calor para resguardo do grupo que aqui se instalou.

Se a maioria das rochas termo-alteradas não apresenta qualquer padrão de organização interna, existem contudo casos de concentração de calhaus rubefactos que, curiosamente, coin-

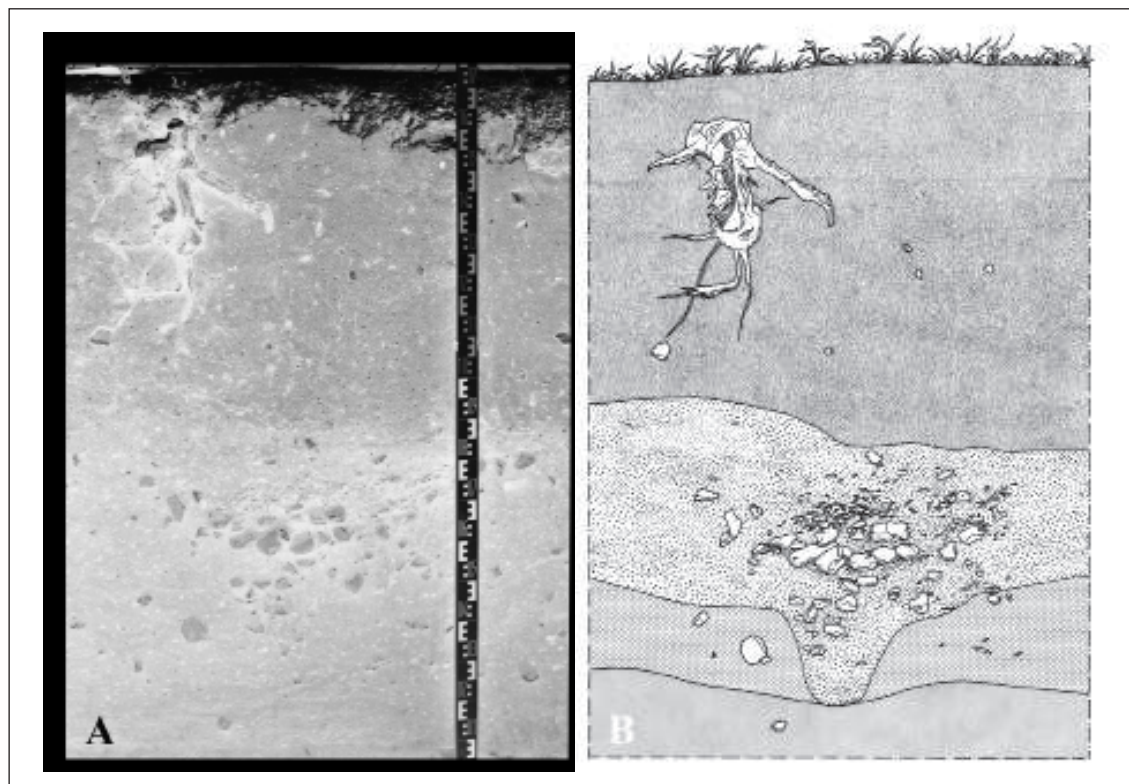


FIG. 9.5 - Toledo: estrutura, em *cuvette*, parcialmente conservada no perfil Oeste da área de escavação aberta na Propriedade B.

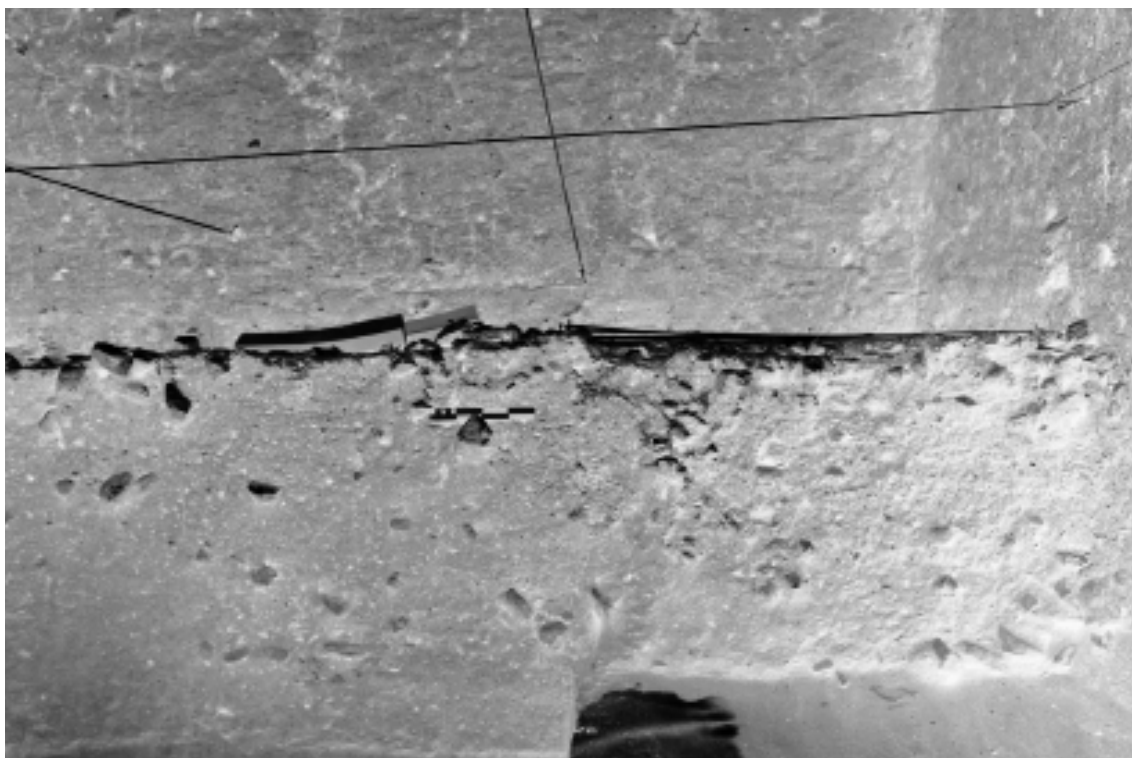


FIG. 9.6 - Toledo: estrutura em fossa documentada no canto SE da área de escavação aberta na Propriedade B. Podem-se observar alguns calhaus termoalterados na respectiva base.

cidem com zonas de maior acumulação de restos orgânicos, em particular de moluscos bivalves. Em T-44, metade norte, e T-45, metade sul, por exemplo, foi escavada uma zona com uma elevada concentração de moluscos bivalves (lingueirão e berbigão) que assentavam numa cama de calhaus angulosos termo-alterados (mas não termoclastados) de pequena dimensão (Fig. 9.5). Os sedimentos que envolviam este vestígio apresentavam uma coloração muito acinzentada e uma textura granulosa, contrastando claramente com os sedimentos envolventes, de tonalidade castanha-dourada e de textura macia. Parte desta estrutura ficou conservada no corte Oeste, sendo contudo muito difícil, no respectivo desenho gráfico, realizado no final dos trabalhos arqueológicos, representar o conjunto de situações documentado no decurso da decapagem dos sedimentos, sobretudo no que diz respeito à variação lateral da composição sedimentar.

Nos quadrados Q44 (metade S), Q43 e R43 (quadrante SE) foi documentada uma bolsa que se desenvolvia em profundidade e cuja base assentava já na Camada D. Constituía uma grande fossa de contorno irregular, com sensivelmente 70 cm de profundidade e 150 cm de diâmetro máximo, com o interior repleto de inúmeros pequenos fragmentos de conchas de moluscos bivalves, bem como alguns calhaus e sedimentos termoalterados que se encontravam dispersos, aleatoriamente, no seu interior, mas também na respectiva base (Fig. 9.6).

Em S43 foi igualmente documentada uma bolsa com restos conquíferos e calhaus termo-alterados envolvidos num sedimento acinzentado. A profundidade e contornos desta bolsa eram, contudo, bastante mais indefinidos.

Um facto curioso a registar é que à medida que a escavação se desenvolvia em profundidade, no sentido da base das bolsas de concheiro que têm vindo a ser descritas, o número de conchas inteiras aumentava em detrimento da enorme massa informe de detritos conquíferos que tão bem caracterizava o seu conteúdo. O estudo da componente malacológica constitui, assim, um dado fundamental para a caracterização e interpretação desta categoria de vestígio, sobretudo no que diz respeito ao tipo, representatividade relativa e tafonomia dos moluscos aí documentados.

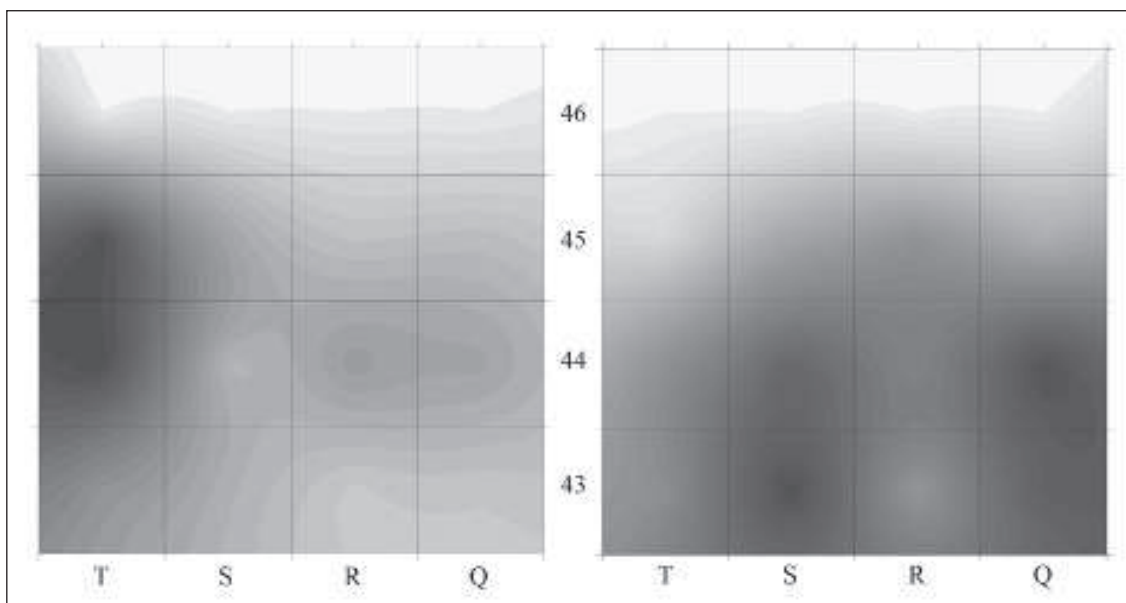


FIG. 9.7 – Toledo: gráfico de dispersão da componente malacológica na área de escavação aberta na Propriedade B. 1. Tal como é possível observar, a mancha mais escura, de maior densidade de conchas, corresponde à zona onde foi detectada a estrutura em cuvette representada na fig. 9.5. Esta estrutura desenvolvia-se, praticamente desde o início, na Camada C e a sua base assentava na Camada D. 2. É possível observar duas concentrações de restos de moluscos; uma, mais pequena, nas unidades S43/44; outra, em Q43/44/R43, que corresponde à fossa representada na fig. 9.6.

Para afastar a hipótese de uma eventual contribuição de factores externos na formação deste tipo de bolsas — a abertura de valas recentes para a plantação de bacelos de videira era um aspecto importante a considerar — utilizou-se como ferramenta de análise o comportamento espacial dos fragmentos de cerâmica recuperados na jazida. Pretendia-se, com este exercício, verificar se o padrão de distribuição desta componente material coincidia com a localização das referidas bolsas. Tal como pode ser observado na Fig. 9.8, os fragmentos de cerâmica distribuem-se um pouco aleatoriamente por toda a área de escavação aberta na Propriedade B, verificando-se, apenas, uma concentração de fragmentos no quadrado Q44. Este facto não permite, porém, e na ausência de outro tipo de argumentos, imputar a factores de natureza pós-deposicional o aparecimento da bolsa de concheiro documentada neste sector da escavação.

Por último, no nível de concheiro exposto no Talude da Estrada que liga as povoações de Toledo e Vimeiro, foi documentada mais uma bolsa que envolvia calhaus rubefactos mas, também, um número significativo de restos faunísticos com sinais evidentes de termo-alteração. Infelizmente, esta estrutura

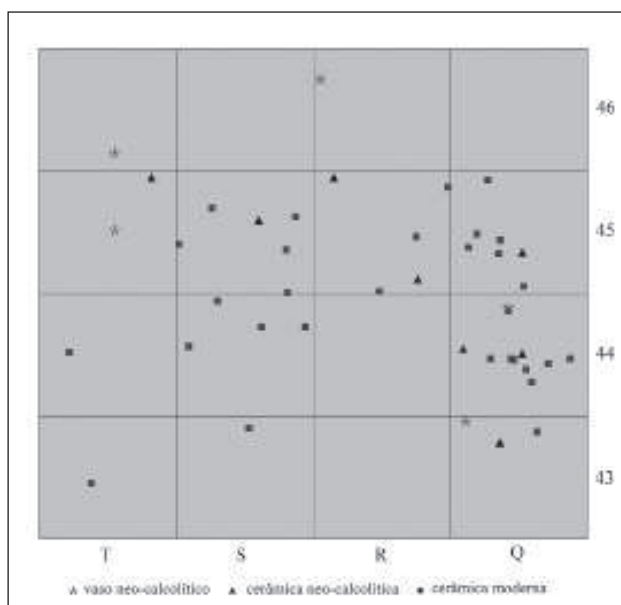


FIG. 9.8 – Toledo: distribuição, sobre um mesmo plano, dos fragmentos de cerâmica documentados na jazida (ver, também, Capítulo 3). Este exercício teve como principal objectivo testar a hipótese de uma eventual interferência de factores externos na formação das bolsas documentadas na Fig. 9.7.

encontrava-se já muito destruída devido à erosão progressiva do talude (Fig. 9.9), dificultando, deste modo, o reconhecimento dos seus limites e morfologia.

Apesar do grau de alteração do contexto arqueológico escavado em Toledo, não é difícil deprender que as estruturas que têm vindo a ser descritas se relacionavam com o processo de preparação dos alimentos que foram consumidos pelas comunidades humanas que aqui se instalaram. Invertendo, contudo, a ordem dos acontecimentos, e centrando a análise na realidade arqueológica observada no momento da escavação, estes dispositivos pareciam ter adquirido o estatuto de lixeiras culinárias na sua última fase de utilização. Porém, fazendo o percurso no sentido inverso ao do seu abandono, a hipótese mais provável é que os mesmos tenham sido concebidos tendo em vista duas possíveis utilizações distintas: para assar ou grelhar peças de carne e peixe; para o processamento de moluscos (abertura das valvas pela acção do calor). O procedimento consistiria, então, na abertura de depressões mais ou menos profundas no solo consoante o uso pretendido, as quais seriam revestidas de calhaus aquecidos que funcionariam como acumuladores e transmissores de calor. É provável que a componente lítica das estruturas fosse colocada já sobre uma camada de cinzas quentes resultantes da inflamação de combustível vegetal. Depois de colocados e protegidos os alimentos no seu interior, estas bolsas seriam supostamente tapadas com uma camada de terra, criando, assim, um ambiente fechado favorável à cocção. O processo, tal como é agora descrito, explicaria, por um lado, a raridade de calhaus termoclastados (*i.e.* não sujeitos ao choque térmico) e, por outro, a ausência de carvões. Não é possível reconstituir toda a diacronia dos possíveis eventos que ocorreram ao longo do seu período de utilização. Em determinada altura, e antes do abandono do local, estes dispositivos foram aparentemente aproveitados para recolher os detritos das refeições que aí tiveram lugar.

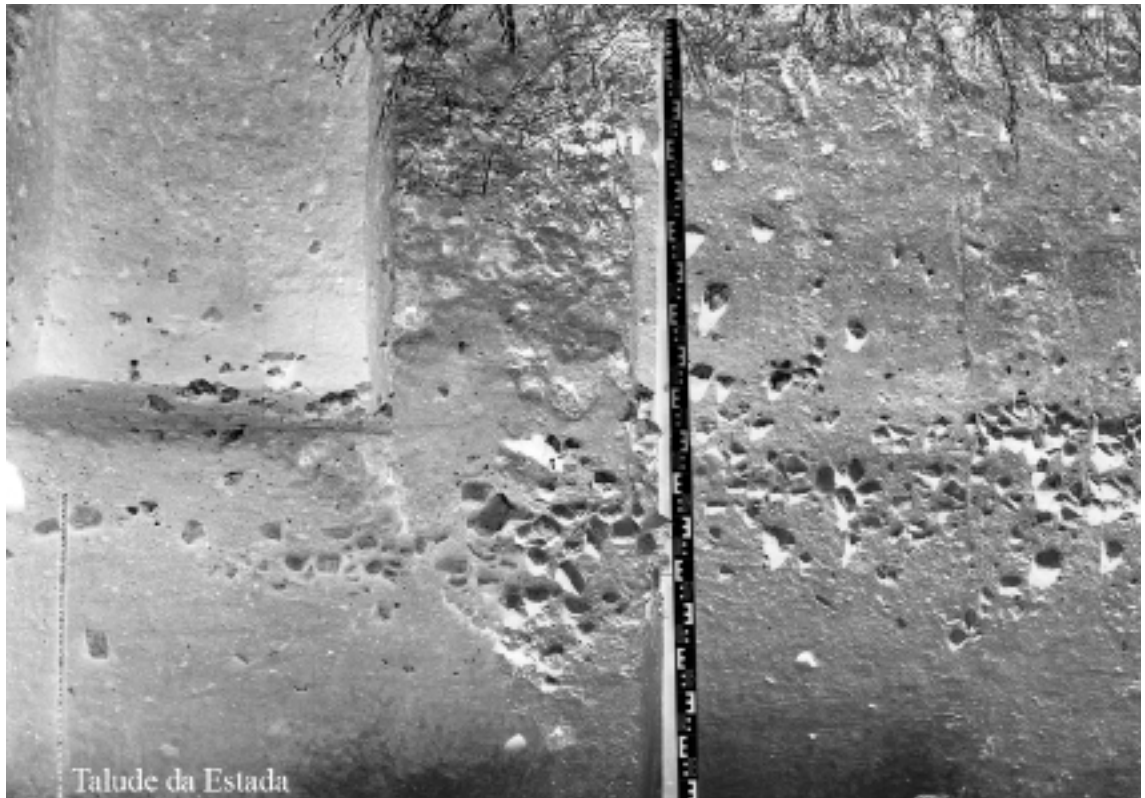


FIG. 9.9 - Toledo: os trabalhos efectuados no Talude da estrada que liga as povoações de Toledo e Vimeiro foram determinados pela presença de uma área com uma grande concentração de restos faunísticos termoalterados que pareciam, à primeira vista, circunscritos a uma bolsa.

9.3. Para além da subsistência

Se a grande maioria dos vestígios materiais documentados em Toledo se relacionam directa ou indirectamente com a subsistência das comunidades humanas que aqui se instalaram, existem contudo outros que mostram o desenvolvimento de actividades que estão para além da mera satisfação desta necessidade básica. O trabalho da pele encontra-se, com efeito, documentado em alguns dos artefactos líticos que ainda preservam estigmas dos gestos e das matérias trabalhadas. Este facto irá contribuir para uma melhor definição do estatuto desempenhado por esta jazida no quadro do sistema de organização interna das comunidades humanas responsáveis pela acumulação de vestígios neste local. O tratamento da pele é uma tarefa que pressupõe um conjunto de requisitos e uma logística que exigem tempo e organização, como veremos mais à frente.

Já num outro registo deverá ser entendida a presença dos objectos de adorno sobre concha documentados no local (Tabela 9.III). Não que se afastem da vivência quotidiana do grupo; mas porque mostram uma faceta menos prosaica do seu comportamento.

TABELA 9.III

Toledo: distribuição das conchas perfuradas por unidade estratigráfica.

TAXON	Camada A		Camada B		Camada C		Camada D		TOTAL	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
<i>Theodoxus fluviatilis</i>	1	25,0	14	70,0	8	44,4	5	71,4	28	57,1
<i>Nassarius reticulatus</i>	3	75,0	6	30,0	9	50,0	2	28,6	20	40,8
<i>Osilinus lineatus</i>	–	–	–	–	1	5,6	–	–	1	2,0
TOTAL	4		20		18		7		49	

Com uma representação mais ou menos ubíqua por toda a área interencionada, mas com uma maior expressão na Propriedade B (81,6%) e na Camada B (40,8%) (Figs. 9.10 e 9.11), estas peças apresentam, como principal característica, a presença de um orifício para suspensão.

São três os taxa representados (ver Tabela 9.III): *Theodoxus fluviatilis*, *Nassarius reticulatus* e *Osilinus lineatus*. Se nos dois primeiros casos não restam quaisquer dúvidas sobre o carácter intencional das respectivas perfurações, já no terceiro não é possível descartar a hipótese de uma eventual causa natural, sobretudo na ausência de uma análise tafonómica aprofundada (existem igualmente algumas conchas de *Cerastoderma edule*

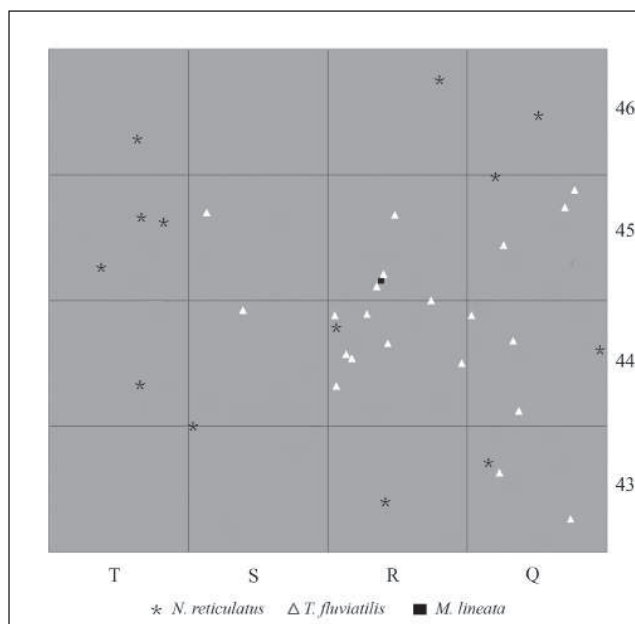


FIG. 9.10 - Toledo: distribuição, sobre um mesmo plano, dos adornos sobre concha documentados na área de escavação aberta na Propriedade B, a qual registou um maior número de exemplares.

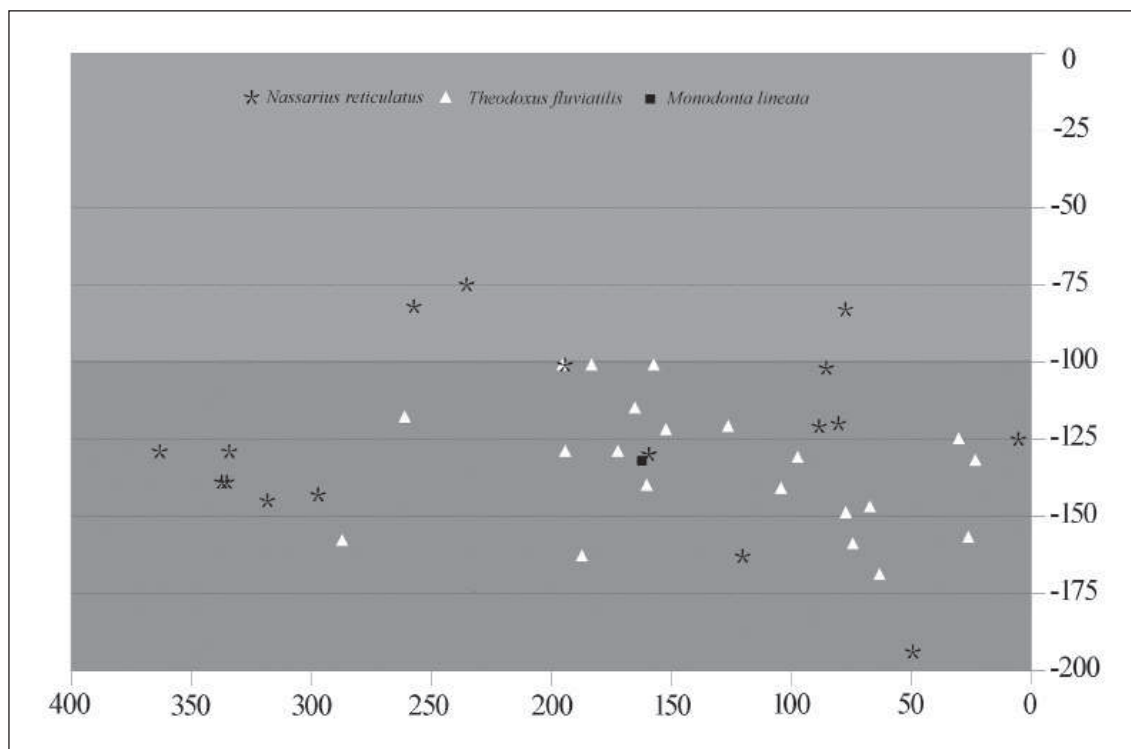


FIG. 9.11 - Toledo: distribuição, na vertical, dos adornos sobre concha documentados na área de escavação aberta na Propriedade B.

que apresentam um orifício numa valva, cuja origem, natural ou antrópica, terá de ser da mesma forma avaliada).

Nas conchas de *Theodoxus fluviatilis* e de *Nassarius reticulatus* a perfuração é realizada, em regra, na última espira, do lado oposto à abertura natural e suficientemente afastado do respectivo labro de modo a conservar intacta a banda que separa as duas aberturas por onde passará o fio (Figs. 9.12 e 9.13). As perfurações têm tendência a ser circulares ou subcirculares, encontrando-se, por vezes, já bastante danificadas. O estudo da cadeia operatória de produção destes artefactos encontra-se ainda em curso, sendo contudo evidente o recurso à abrasão (Fig. 9.14). Alguns dos parâmetros estatísticos e características observadas nos adornos sobre concha encontram-se expressos na Tabela 9.IV.

As zonas de captura destes gastrópodes seriam provavelmente as mesmas onde se procedia à recolha das espécies para consumo alimentar, *i.e.*, junto ao litoral, em fundos arenosos (*Nassarius reticulatus*) ou rochosos (*Osilinus lineatus*) sujeitos às marés diárias, e também no estuário ou zonas ribeirinhas (*Theodoxus fluviatilis*).

TABELA 9.IV

Toledo: alguns atributos técnicos e qualitativos das conchas perfuradas.

	SUPORTE					PERFURAÇÃO						
	Dimensão				Conservação		Morfologia			Dimensão	N.º	
	N	M±DP	Min	Max	I	F	Circ	Irreg.	Along	M±DP	1	2
<i>T. fluviatilis</i>	28	9,15±1,09	7,11	11,39	25	3	20	6	0	3,33±0,67	25	3
<i>N. Reticulatus</i>	20	20,62±5,18	15,81	27,47	14	6	11	2	7	4,98±1,11	20	0

A presença de alguns restos humanos dispersos na jazida (Capítulo 8) não é suficiente para estabelecer uma eventual associação dos elementos de adorno a um qualquer ritual funerário aí praticado. É plausível, considerando alguns dos elementos osteológicos aqui recuperados, que este local tenha sido pontualmente aproveitado como espaço funerário durante a estadia do grupo no local, a não ser que se venha um dia a demonstrar que os restos antropológicos não são afinal contemporâneos da ocupação mesolítica. As condições de jazida do sítio não permitem, porém, estabelecer qualquer padrão de correlação entre ambas as componentes, sendo contudo de registar o aparecimento deste tipo de artefactos em contextos arqueológicos contemporâneos de Toledo onde não foram registados restos humanos. O aproveitamento de moluscos para adorno pessoal constituiria certamente uma prática vulgar para quem do mar retirava uma parte fundamental da sua própria subsistência.

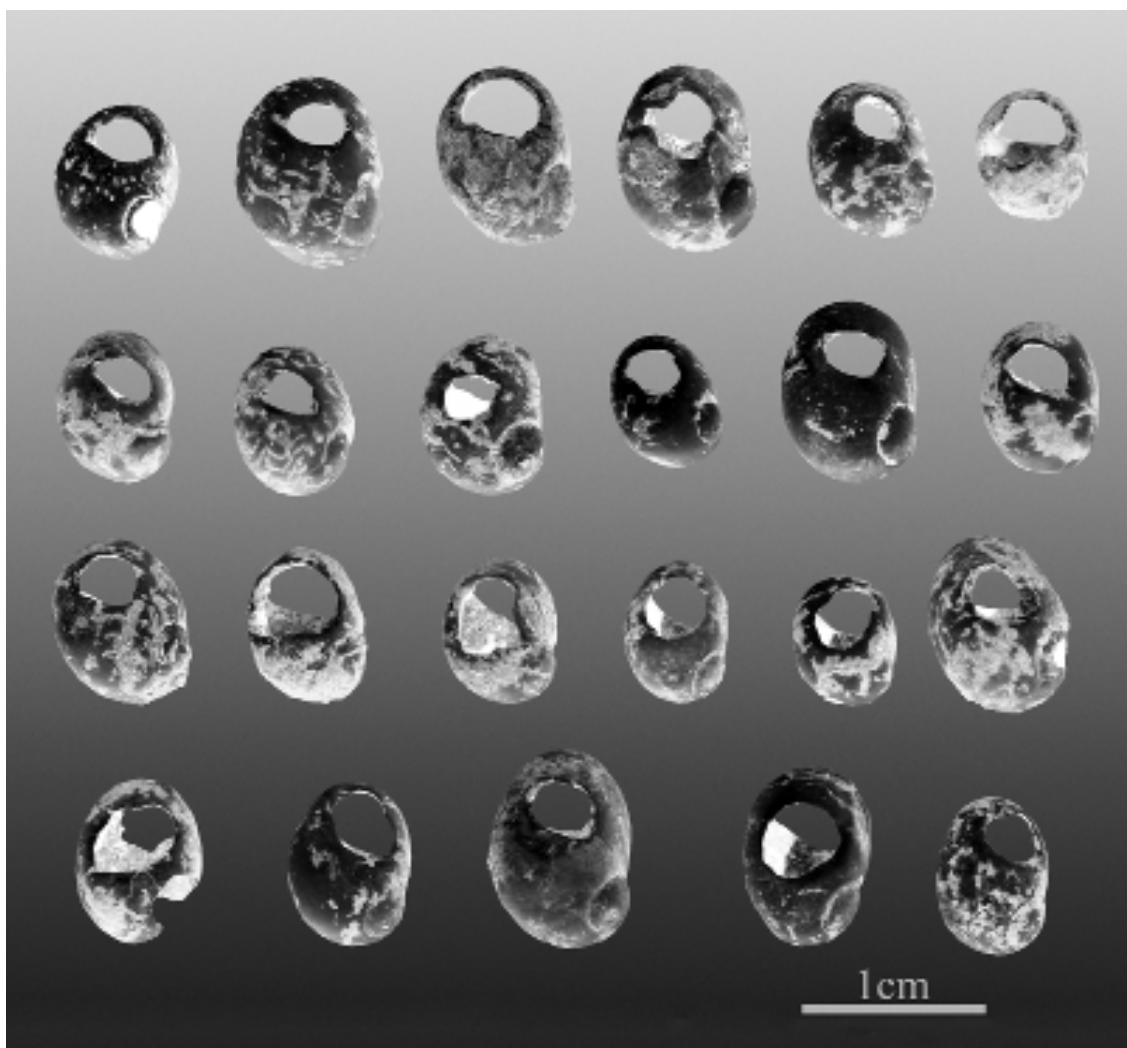


FIG. 9.12 - Toledo: conchas de *Theodoxus fluviatilis* perfuradas. Existe um padrão na escolha da localização do orifício. Foto de José Paulo Ruas.

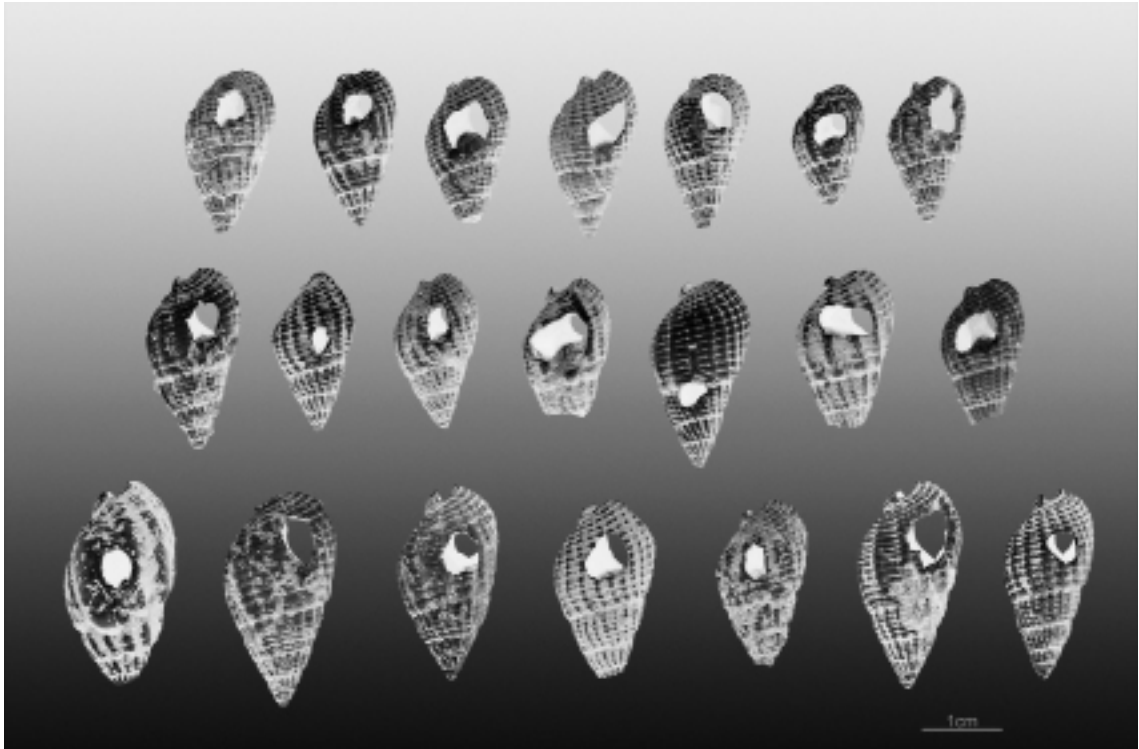


FIG. 9.13 – Toledo: conchas de *Nassarius reticulatus* perfuradas. A peça representada na coluna do meio (n.º 5, da esquerda para a direita), apresenta o respectivo orifício numa posição diferente das restantes, isto é, na penúltima volta da espira. A presença de uma ranhura imediatamente adjacente a este orifício, e na sua perpendicular, pode ter resultado da deslocação não intencional do objecto utilizado na perfuração, que terá escapado ao controlo do artesão. Foto de José Paulo Ruas.

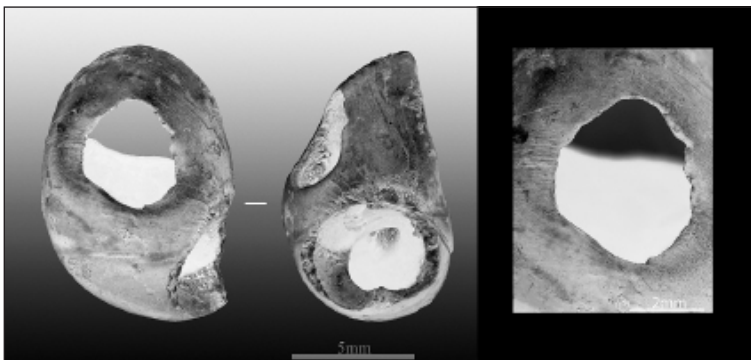


FIG. 9.14 – Toledo: concha de *Theodoxus fluviatilis* perfurada e termoalterada. Fractura do ápice. Na imagem da direita é bem clara a utilização da técnica da abrasão no processo de produção deste tipo de adornos. Foto de José Paulo Ruas.

9.4. Características da ocupação

O conjunto de características agora apresentado é claro quanto à natureza da ocupação que teve lugar em Toledo: as pessoas viveram temporariamente neste local e aí desenvolveram diferentes tipos de actividades. Não se trata, portanto, de um sítio arqueológico especializado numa ou noutra tarefa e acumulado por um grupo restrito de pessoas. O leque de recursos e de nichos ecológicos explorados não é, por outro lado, compatível com uma estadia de curta

duração no local. O estudo dos restos faunísticos sugere, como hipótese mais provável, a sua ocupação durante a época mais quente do ano (Primavera-Verão), por certo a altura em se observava um maior e mais diversificado número de espécies animais. E enquanto aí permaneceu, o grupo ter-se-á organizado de modo a rentabilizar os recursos disponíveis e os meios necessários à sua aquisição (técnicos e humanos). Toledo corresponde, assim, a um pequeno acampamento de tipo residencial ocupado no quadro de um sistema de organização de tipo logístico (Binford, 1980), o qual incluiria outros itinerários e outros lugares.

A partir do local, o grupo teria facilmente acesso a uma gama variada de recursos comestíveis de origem terrestre, aquática, animal e vegetal. No bosque, seriam capturados o veado, o javali, a perdiz. Nas zonas mais florestadas, o corço, o pombo e o gaio. À beira-mar, nos estuários e nas zonas ribeirinhas, os peixes, moluscos e crustáceos; e provavelmente muitos outros itens que o tempo não permitiu conservar.

Talvez o aspecto que melhor caracterize o comportamento destas populações é a sua enorme capacidade de aproveitar todas as oportunidades oferecidas pelo meio que os rodeia, patente não só na gama diversificada de espécies faunísticas capturadas, como até na forma como optimizaram as suas próprias ferramentas líticas.

